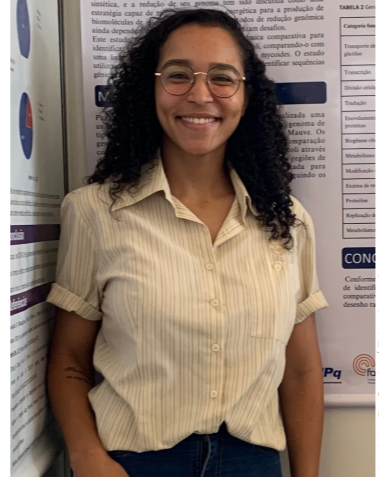


# A trajetória de maturação de uma jovem pesquisadora: da educação básica à pós-graduação

**1. Victória, é um prazer reencontrá-la após tantos anos. Nos conhecemos em 2015 quando tive o prazer em tê-la como estudante na 1ª série do Ensino Médio no Centro Educacional São Francisco, em São Sebastião, Distrito Federal. De lá para cá, você já percorreu um caminho muito bonito! Conte para gente um pouco da sua trajetória escolar e acadêmica, comentando sobre seus desafios e avanços.**

**Victória Rafaela** – O prazer é todo meu! No primeiro ano do Ensino Médio, eu não tinha muitas pretensões quanto a fazer uma graduação, naquela época eu mal sabia sobre a UnB e no meu núcleo familiar não falávamos sobre isso, mas os meus professores, inclusive você, professora Carolina, diziam que eu deveria pensar sobre, e foi quando eu considerei fazer o vestibular, o Programa de Avaliação Seriada (PAS/UnB) etc. Acabei fazendo só o PAS 2 e 3, e passei para Biotecnologia, curso que eu escolhi, na Universidade de Brasília. Após concluir a graduação, apliquei para o mestrado, também na UnB, e passei. Atualmente, trabalho com o projeto de avaliação da ação neuroprotetora do peptídeo octovespina nanoencapsulado em um modelo de Doença de Alzheimer em camundongos, no laboratório de neurofarmacologia.

**2. Lá no início do Ensino Médio, você estava descobrindo as possibilidades que a vida profissional poderia te mostrar. O que determinou suas escolhas? Quais foram os principais motivos para você ter escolhido iniciar a**



Victória Rafaela / Divulgação

## Victória Rafaela Muniz dos Santos

Formada em Biotecnologia pela Universidade de Brasília (UnB), desde o início da graduação trabalhou com divulgação científica por entender a necessidade de diminuir o distanciamento entre a academia e sociedade. Foi assessora de marketing na Liga Nacional dos Acadêmicos em Biotecnologia (LiNA/UnB), redatora na Revista Acadêmica dos Estudantes de Biotecnologia (REB/UnB). Fez o estágio final na Polícia Federal, no setor de Banco Nacional de Perfis Genéticos (BNPG). Atualmente é aluna de mestrado em neurofarmacologia, pesquisando peptídeos como potencial tratamento para a Doença de Alzheimer.

### Entrevistadora:

Carolina Carrijo Arruda (EAPE/SEEDF)



Imagem de Victória Rafaela

*“(...) é interessante fazer uma análise do que gostamos ou não, com o que nos vemos felizes trabalhando, mas sempre tendo em mente que existe a opção de mudar de ideia no meio do caminho”*

**carreira acadêmica e quais são seus planos futuros? Teve algum momento chave que você se sentiu encorajada para essa tomada de decisão?**

**Victória Rafaela** – Eu me sinto muito sortuda pelos professores que tive, eles sempre acreditaram mais em mim do que eu mesma. Durante todo o meu Ensino Médio, tive momentos de encorajamento, lembro de quando a professora de Biologia me disse que eu tinha perfil de uma aluna de graduação, quando o meu professor de Física se ofereceu para nos dar aulas voltadas para o vestibular no contraturno, quando o professor de Química me passou um material extra para estudar para a prova, quando a professora de História fez um resumo de todo o conteúdo do PAS e me entregou. Todos esses momentos me permitiram sonhar com o ensino superior, e foi o que eu fiz. Depois que entrei na universidade, decidi que faria mestrado e doutorado também, então o doutorado é o meu próximo passo.

**3. Você encontrou alguma dificuldade que perpassou pelos eixos étnico-racial, socioeconômico e/ou de gênero durante sua trajetória discente na educação básica e superior? Se sim, quais? Você tem alguma sugestão de possíveis ações que os gestores em educação poderiam executar para enfrentar esses desafios e promover uma rotina escolar de mais qualidade para os/as estudantes?**

**Victória Rafaela** – Durante a educação básica, acredito ter passado pelos mesmos problemas que estudantes da rede pública passam, ter sempre alguma disciplina sem professor, às vezes essa lacuna era preenchida rapidamente, às vezes não. As salas estavam sempre lotadas, o que também se mostrava um desafio para os professores conseguirem dar uma boa aula. No ensino superior

<sup>1</sup> Para saber mais, escaneie o QR code na página ao lado.

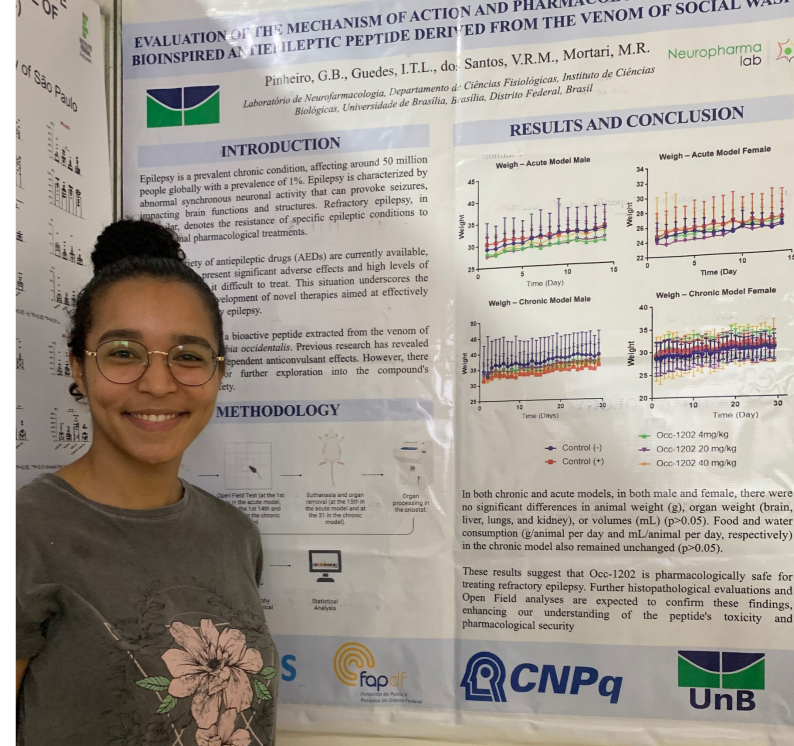


Imagem de Victória Rafaela

foi muito mais difícil, em alguns momentos parecia errado eu estar na UnB. As aulas acontecem no período da manhã e da tarde, quem precisa trabalhar para ajudar a família não consegue. O deslocamento até a universidade também era um transtorno, só tinha uma linha de ônibus que passava lá, com dois horários, então na maioria das vezes era preciso ir para a rodoviária. Mas o distanciamento que parecia existir, tanto socialmente quanto relacionado à educação, entre mim e os meus colegas de curso, foi a parte mais desafiadora. Acho que uma maneira de reduzir isso seria investir mais no estudo de base, propiciar melhor qualidade de trabalho para os educadores, pensar em projetos que incentivem os alunos a participar mais ativamente da própria educação e que sejam voltados para o ingresso no ensino superior.

**4. Durante a sua graduação, você atuou no 'Meninas na Ciência'. Fale um pouco para a gente como é esse programa, comentando ações das quais você participou e o quão importante ele é para a educação básica. Além de ser uma estratégia a longo prazo para minimizar o sexismo nas ciências e tecnologia, você acredita que, a curto e médio prazo, o programa oportuniza o letramento científico e empoderamento das meninas?**

**Victória Rafaela** – O Meninas na Ciência (MNC) é um projeto de extensão em que nós selecionamos alunas do ensino fundamental, de escolas públicas e particulares, para participar de palestras,





minicursos e rodas de conversa na UnB. A ideia é mostrar para essas meninas que existem diversos tipos de ciência e que existem mulheres fazendo ciência também, além de promover uma aproximação entre elas e a universidade. Durante as edições do projeto, nós tivemos alguns *feedbacks* das participantes e familiares, mas o mais legal foi o de uma moça que se inscreveu para participar do evento como monitora, durante uma conversa ela nos contou que participou do MNC como aluna e que graças ao evento ela acreditou que poderia estudar na UnB e fazer o curso que ela quisesse, o que realmente aconteceu. Ela se inscreveu para ser monitora como uma forma de agradecimento e de mostrar que o projeto realmente traz uma expansão de horizontes. Esse retorno nos mostra que o evento dura só dois finais de semana, mas o impacto dele permanece com as meninas por muito mais tempo. Intervenções como estas são fundamentais para que as meninas percebam que é mais possível do que elas imaginam.

**5. O que você poderia deixar de recado aos estudantes da educação básica que vivem diariamente imersos em reflexões sobre as escolhas profissionais, dúvidas, experiências e oportunidades? Como o desenvolvimento do raciocínio crítico e a construção do pensamento científico podem ajudar na tomada de decisões e pode contribuir com essas reflexões?**

**Victória Rafaela** – Acho que a coisa mais importante é acreditar nas possibilidades, saber que o caminho é trilhado a partir dos passos que decidimos dar. Ter que escolher aos 17, 18 anos de idade qual carreira seguir ou qual curso escolher é muito difícil, porque é uma idade cheia de incertezas, por isso é interessante fazer uma análise do que gostamos ou não, com o que nos vemos felizes trabalhando, mas sempre tendo em mente que existe a opção de mudar de ideia no meio do caminho. Quando participamos mais ativamente do mundo ao nosso redor, nos conscientizamos sobre o que está acontecendo, como as coisas funcionam, como elas deveriam funcionar, o que deveria ser mudado e o que podemos fazer para auxiliar nessas mudanças, se torna mais fácil tomar decisões e são quase intuitivas a percepção e a necessidade da importância de ocupar os espaços que deveriam mesmo ser ocupados pela gente. ■



Imagem de Victória Rafaela



Imagem de Victória Rafaela



Fonte: arquivo do projeto de extensão Meninas na Ciência da UnB.